

## FRANCISCO BRAGA SOBRINHO

Os historiadores me corrijam. Mas creio que somente os de minha geração tiveram a oportunidade de ver, uns acompanhando mais de perto, como eu, em plena maturidade etária, seu País fazer brotar, nas fronteiras de um mesmo estado, três cidades especialmente projetadas para sediar capitais, sendo uma delas destinada a sua administração central: O Brasil detém este privilégio.

Os vales dos rios Tocantins e Araguaia, desde os seus afluentes, estão sendo ocupados, aceleradamente, de um certo tempo para cá, por extensas lavouras e campos de pastagens, de onde sai uma produção cada vez maior de gêneros dos reinos animal e vegetal que vão alimentar não só a população brasileira, como a de quase todo mundo.

Acompanhando o desenvolvimento rural da região, cidades e mais cidades crescem, enquanto outras surgem às margens dos rios e das estradas, e que logo vão sediar novos municípios, que acolhem gente trabalhadora de todos os rincões do Brasil.

Foi assim que o estado de Goiás, que no começo da década dos anos 40, tinha pouco mais de 50 municípios, precisamente 52, antes da criação da independência do seu território ao Norte do Paralelo 13, já contava cerca de 350! Naquele tempo, somente um deles, e que hoje abriga o estado do Tocantins, com 56 municípios, era quase duas vezes do tamanho do Estado de Alagoas, limitando-se então com quatro estados, como Pará e Mato Grosso a Oeste, Maranhão e Bahia a Leste.

Essa fase do desenvolvimento do grande território do estado mediterrâneo começou com a determinação inabalável de um goiano que, infelizmente, quase está sendo esquecido em sua própria terra pela geração adolescente, como há pouco me dizia o luzianense Segismundo de Araújo Melo — Pedro Ludovido Teixeira.

Esse grande homem público foi interventor do Estado de Goiás por força da Revolução de 1930, posteriormente governador e senador por mais de uma legislatura, e levado ao ostracismo pelo governo militar de 1964, ato que emocionou todo

o povo goiano. Era médico, formado com sacrifícios no Rio de Janeiro. Voltou à sua terra, tornou-se líder político, e chefiou, no Sudoeste goiano, as forças que se opunham ao regime então dominante.

Vitoriosa a Revolução que Getúlio Vargas comandou, foi-lhe dada a missão de gerir os destinos de Goiás, e um dos seus primeiros cuidados foi procurar dinamizar a economia do seu estado, batalhando pelo convencimento do povo, para que fosse, em breve, construída uma cidade para a nova capital do estado.

A antiga Vila Boa era, como ainda hoje, lindamente colonial, mas situada além da Serra Dourada, entre montanhas, oferecendo uma topografia de difícil expansão urbana.

Uma outra cidade, com horizontes mais amplos, deveria ser construída. E não foi sem muita luta que aquele homem, três anos depois como chefe do governo de um estado que tinha um orçamento de apenas sete mil contos de réis, iniciou as obras da nova capital, sendo obrigado, no mesmo ano dos primeiros atos para que a sua idéia fosse concretizada, toma-

do por empréstimo, em duas parcelas, mais 18 mil contos de réis.

Nove anos depois, tive a oportunidade de participar, como integrante da equipe do IBGE, da programação das festividades do Batismo Cultural de Goiânia, no dia 5 de julho de 1942, ato cívico ao qual estiveram presentes autoridades de todo País e celebrado à guisa de sua inauguração oficial.

Hoje, Goiânia é o maior centro econômico desta região do Brasil, com um comércio extraordinário, uma urbs na qual brotam edifícios em todos os seus bairros, e um desenvolvimento cultural invejável.

Não se passaram cinco lustros, e outro grande brasileiro, médico como Pedro Ludovico, o inesquecível Juscelino Kubitschek, vem das Alterosas como presidente da República, e inicia o cumprimento de sua promessa de mudar a Capital do País para o centro do Brasil.

E o Estado de Goiás rasga seu coração para que nele seja implantada a Nova Capital.

Participo, para meu orgulho de brasileiro, dessa grande epopeia, com apoio dos órgãos de imprensa que dirigia, na época,

em Goiás, — “Folha de Goiás e Rádio Clube de Goiânia” — publicando o jornal, em edição especial e exclusiva, o ato de desapropriação, pelo governo goiano, da área do “Sítio”.

Daí em diante, fizemos o acompanhamento de todos os atos que envolviam a futura Capital, e aqui estive, em julho de 1956, visitando a região na qual nem o próprio JK creio ainda havia visto, ocasião em que fiz várias entrevistas que posteriormente foram divulgadas por nossos veículos de comunicação, além de reportagens.

Já na fase da construção da cidade, colaborei no que pude com os companheiros que edificavam os prédios do CORREIO BRAZILIENSE e da TV Brasília, desde a demarcação do terreno e o encaminhamento dos papéis junto à Novacap, tudo atendendo à determinação do nosso Grande Capitão Assis Chateaubriand.

Brasília ergue-se por fim em terras do índio Goiá e assisti, com minha família, entre emocionado e alegre, a sua inauguração.

Agora vemos, no fim do decênio dos anos 80, consolidada a

criação do Estado do Tocantins com a construção de sua Capital, que vai ser localizada na nova cidade de Palmas, do Tocantins.

Pouco me foi dado de mim a tão importante evento. Registro apenas que, em minha sala de trabalho, lá pelos anos 60, recebi, e por quantas vezes, a visita de vários líderes nortenses, entre os quais os deputados Darcy Marinho e José Porto, além de outro grande batalhador que foi o juiz Machado Braga, que nos vinham pedir a divulgação de notas e entrevistas, nunca negadas, sobre o movimento, cada vez mais amplo, pela criação do estado, sendo editada na região, como arauto das aspirações daquele povo, o jornal “O Tocantins”.

Havia também quem defendesse a idéia de ser um Território Federal. Mas, tão acelerado se tornou, anos mais tarde, o progresso de alguns municípios, que as velhas cidades cresceram, como Porto Nacional e Pedro Afonso, e apareceram novos centros urbanos, sendo exemplos mais antigos Miracema do Norte e Gurupi.

Mas a criação de um novo estado então já se impunha.